

economia

Sicredi inaugura agência na Restinga, em Porto Alegre

Unidade no bairro mais populoso na Capital teve aporte de R\$ 5 milhões

/ MINUTO VAREJO

Patrícia Comunello

patriciacomunello@jornaldocomercio.com.br

A agência da Sicredi Origens RS, que integra o sistema da cooperativa de crédito gaúcha com mais de 3,5 mil pontos físicos e mais de 52 mil funcionários pelo País, estava sendo esperada por empreendedores do bairro Restinga, em Porto Alegre, há quase duas décadas. “Era nosso sonho de consumo do cooperativismo”, comemorou Aline Colombo, presidente da Associação do Comércio e Indústria da Restinga e Extremo-Sul. O tom festivo da estreia da unidade na manhã de ontem fez jus à longa espera, que tem uma curiosidade, con-

ta a dirigente, que atua no ramo de eventos.

A região acalentava a agência desde que a Sicredi abriu no bairro Tristeza em 2008, também na Zona Sul da Capital. “Temos empresários fortes aqui, uma economia pujante e um comércio forte. O Centro (da Capital) não enxergava isso, aí começamos a nos mobilizar para ter a agência, terceira instituição financeira a chegar ao bairro”, cita Aline. Barrisul e Caixa Econômica Federal têm pontos físicos na região: “Mas era importante que o cooperativismo estivesse próximo dos pequenos empreendedores”.

“É muito importante ter essa força aqui no bairro”, definiu Giovanni Moser, proprietário da Embapel. “Tem de trazer a comu-

nidade para cá. O espaço ficou maravilhoso”, motiva William Roza Marquet, da Ferragem Caravaggio. “Enquanto outros bancos estão saindo do físico e preferindo o digital, a presença da Sicredi é um diferencial. Para o empreendedor, é importante ter esse olho no olho como antigamente”, observou Sergio Bottini Junior, da Nova Ipanema Empreendimentos e vice-presidente do Sinduscon-RS.

“Pela agência que ele entregou, dá para ver que o Sicredi enxergou e entendeu o potencial da Restinga”, aprovou Jhonata Petersen, do Bazar Armarinho Gaúcho. “A instituição ajuda a reforçar que temos indústria e comércio e marcas de peso chegando”, opinou Marcus Jung, dono da Incocil.

O presidente da Sicredi Origens RS, o lojista Ronaldo Sielichow, disse que a abertura de pontos é consequência da expectativa e mobilização das comunidades, como foi o caso do bairro porto-alegrense, com mais de mil empresas e que está prestes a ter mais um centro comercial, o futuro Origem Open Mall, além do Center Kan, aberto em 2022,



DANI BARCELLOS/ESPECIAL/JC

Empreendedores e padre festejaram a chegada da agência no bairro

todos empreendimentos noticiados pela coluna Minuto Varejo. O bairro tem cerca de 62 mil habitantes, o mais populoso da Capital, segundo o Censo Demográfico de 2022. A cooperativa aportou R\$ 5 milhões na montagem dos ambientes, com coworking, salas de aulas e reuniões e auditório, em mais de 500 metros quadrados, em imóvel na Estrada João Antônio da Silveira, 1386, a principal via do bairro.

“Mas se estima que sejam mais de 150 mil pessoas que circulem pela economia, considerando o entorno e atração de empresas e consumo”, comenta Sielichow. A unidade é a 32ª da cooperativa, com presença na Capital, Alvorada, Canoas, Cachoeirinha, Esteio, Glorinha, Gravataí, Sapucaia do Sul e Viamão. Ante a expectativa que fez lotar o evento de abertura, o gerente da “Sicredi da Restinga”, que a coluna

já adotou como denominação, Marco Alexandre Gomes, citou que “nasceu e cresceu no bairro - “vendi balas e jornal pelas ruas do bairro” - e definiu o que vai ser a entrega da unidade:

“É um espaço feito de pessoas para pessoas e de acolhimento”, pontuou “Marcão”, como é chamado por colegas e associados.

“Foi um espaço pensado para todos. O Sicredi vai além de uma instituição financeira e gosta de viver a comunidade”, destaca o diretor-executivo da Origens RS, Gérson Kunkel. Na largada da operação, teve música, Orquestra Jovem da Restinga e bênção do padre Chico, como é mais conhecido Francisco Ledur. “A agência é uma conquista para a comunidade, devido ao impacto social e proximidade com as pessoas. É uma verdadeira bênção a gente ter a Sicredi aqui na Restinga”, valorizou o religioso.

Empresariado gaúcho critica PEC da escala 6x1

/ TRABALHO

Cássio Fonseca

cassiof@jcrs.com.br

Enquanto o Senado discute o ritmo de tramitação da PEC do fim da escala 6x1, o empresariado gaúcho reforça seu posicionamento sobre o impacto econômico da medida, caso aprovada. Ontem, o Menu Poa, da Associação Comercial de Porto Alegre (ACPA), promoveu um debate multissetorial sobre o cenário e apontou quais áreas serão mais prejudicadas. A maior ênfase foi para o setor hoteleiro e o de bares e restaurantes.

O economista-chefe da Câmara de Dirigentes Lojistas de Porto Alegre (CDL POA), Oscar Frank, argumenta que, embora o salário mensal seja mantido com a redução da jornada de trabalho, o que define a contratação do empregado para o proprietário é o custo por hora trabalhada, que tende

a subir.

Estimativas da entidade apontam para uma perda de 43 mil postos de trabalho formal no Rio Grande do Sul, sendo 11,4 mil apenas no comércio. Além disso, Frank destaca que a taxa de desocupação no Estado poderia subir em 0,7% em um cenário de redução para 40 horas semanais.

Seria importante, portanto, um aumento de produtividade para “compensar” as horas a menos e manter o Produto Interno Bruto (PIB) constante, com um ganho produtivo de 4,4% no RS e 3,9% no Brasil. A simulação da CDL vê uma potencial queda de 4,2% no PIB estadual, de cerca de R\$ 15 bilhões.

Para o presidente do Sindicato de Hotéis de Porto Alegre (SHPOA), Oscar Henrique Schmidt, o setor hoteleiro será extremamente prejudicado porque opera 24 horas por dia e 7 dias por semana. Sempre à disposição do

cliente, ele estima que os negócios terão um aumento de aproximadamente 20% na folha de pagamento. O que é plausível para os estabelecimentos maiores, mas que irá prejudicar os médios e pequenos, frisa Schmidt.

Já o presidente da Associação Brasileira de Bares e Restaurantes do Rio Grande do Sul (Abrasel-RS), Leonardo Dornelles, relata que 24% dos restaurantes no operaram com prejuízo em maio e que, com o aumento do custo da hora trabalhada, eles têm sua existência ameaçada.

Também aponta para a dificuldade de encontrar profissionais qualificados, como cozinheiros, o que torna a necessidade de novas contratações para suprir as folgas um desafio quase impossível. Na ponta da cadeia, a estimativa é que o prato ou a conta final para o cliente suba, em média, 8%, para cobrir os novos custos operacionais.



HOJE NOS CINEMAS